



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

IMAGEM DE MARCA MUSICAL:
MAX E ALUSÃO AO FADO

Marthina Maria De Gouveia Dos Santos Oliveira

Orientador de Dissertação

Professor Doutor Virgílio Amaral

Coordenador de Seminário de Dissertação

Professor Doutor Virgílio Amaral

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Social e das Organizações

Dissertação de Mestrado realizado sob a orientação do Prof. Doutor Virgílio Amaral, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção de grau de Mestre na especialidade Psicologia Social e das Organizações conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicada em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que fizeram com que a realização desta tese fosse possível. Aos meus queridos Pais que valorizaram todo o meu esforço, encorajando-me sempre através de todo o amor demonstrado. Ao meu marido que, através do seu apoio incondicional, tem feito de mim a mais feliz das mulheres. À minha irmã que sempre se mostrou disponível, transmitindo-me sempre todo o seu afecto e optimismo. Aos meus colegas, amigos e a todas as pessoas que encheram o meu coração de felicidade, mediante a forma carinhosa com que me ajudaram na concretização dos meus objectivos. Agradeço, em especial, ao meu orientador e coordenador de Tese de Mestrado Professor Doutor Virgílio Amaral. Estou grata ao Professor de Expressão e Educação Musical Eleutério Corte, ao Senhor Rui Camacho – elemento do grupo Xarabanda – música tradicional da Madeira – residentes na ilha referida. Os meus agradecimentos ao Museu do Fado e aos artistas da Casa do Artista.

RESUMO

O fado desde o seu passado até ao presente tem continuado a florescer não só em Lisboa, como também em outras regiões do nosso País, bem como no estrangeiro, onde os nossos fadistas deixaram a sua imagem de marca, como é o caso do artista em estudo nesta tese – Maximiano de Sousa, mais conhecido por Max (abreviatura artística), sendo um reflexo do valor simbólico que deixou para a história dos habitantes da sua terra de origem – Ilha da Madeira e para o resto do mundo. Max expandiu e difundiu pelo mundo a cultura Madeirense e projectou o nome da Ilha da Madeira no mercado turístico, pelos seus valores culturais e tradicionais. O empenho artístico de Max, mereceu a sua carreira artística realizada em Lisboa e no estrangeiro, tanto como cantor, como actor, nos teatros de revista e mesmo, após o seu falecimento, data de 1980, continua a ser homenageado não apenas pelos colegas artistas, como também, pelos habitantes da Ilha da Madeira, pelo artista que foi e pelo seu contributo dado ao turismo da sua terra de origem. Max é o nome da marca que se tornou num símbolo – representativa da Ilha da Madeira - informa sobre a cultura e a personalidade da marca, espelha a marca que representa (a “alma” da população Madeirense).

Palavras-chaves: Imagem de Marca, fado, *Branding*.

ABSTRACT

Fado from its past to the present has continued to flourish not only in Lisbon but also in other regions of our country and abroad, where our singers have left their brand image, such as the artist in study in this thesis - Maximiano de Sousa, better known as Max (short artistic), and a reflection of the symbolic value left for the history of people of his homeland - Madeira Island and the rest of the world. Max has expanded and spread throughout the world the culture of Madeira and projected the name of the island of Madeira in the tourist market, their cultural values and traditional. The artistic challenge of Max, earned his artistic career in Lisbon and abroad, both as a singer, as an actor in theater and even after his death, in 1980, he continues to be honored, not only by fellow artists, but also by the inhabitants of the island of Madeira, and for the artist he was and for his contribution to tourism in their land of origin. Max is the brand name that has become a symbol - representing the island of Madeira - reports on the culture and personality of the brand, reflects the brand that represents (the "soul" of the population of Madeira).

Keywords: Brand Image, *fado*, *Branding*.

Key-words: Brand Image, *fado*, *Branding*.

Índice

Introdução-----	
Parte I - Enquadramento Teórico-----	4
Capítulo 1- Fado-----	5
1.1. Uma Explicação Para a Origem do Fado-----	5
1.2. A Alma Portuguesa – O Fado-----	7
1.3. Fado numa perspectiva Histórica-----	8
1.4. Os Anos Áureos do Fado-----	10
Capítulo 2 – <i>Branding</i> -----	12
2.1. Conceito de <i>Branding</i> -----	12
2.2. Conceito de Marca-----	12
2.3. O Valor da Marca-----	13
2.4. A Marca do Produto-----	14
Capítulo 3 - História de Vida de Max -----	15
Parte II - Secção Empírica-----	18
Capítulo 4 – Método-----	19
4.1. Participante-----	19
4.2. Delineamento de Estudo-----	19
4.3. Instrumento-----	19
4.4. Procedimento-----	20
Capítulo 5 - Resultados-----	21
5.1. Definição de Categorias-----	21
5.2. Categorias Teóricas de Condução da Análise de Conteúdo-----	22
5.3. Categorias Consequentes da Análise de Conteúdo-----	24
Capítulo 6 - Discussão dos Resultados-----	28
Capítulo 7 - Conclusão-----	30
Referências Bibliográficas -----	32
Anexos-----	34
• Anexo 1- Grelha Teórica de Categorias -----	35
• Anexo 2- Entrevistas -----	41

Introdução

O fado assinalou-se na cultura portuguesa como uma tradição popular importante apoiada por um sistema de valores vindos por aculturação. E, por um processo contínuo de mudança, década após década, ocupou uma posição distinta no nosso sistema cultural. Daí advém o sucesso nas estratégias de Marketing relativamente ao produto musical “Fado” ao sistema cultural Português (Carvalho, 1994; Mowen & Minor, 2007).

A cultura portuguesa associa a palavra – Fado, ao sentimento duplo e contraditório de tristeza e de alegria, sentimentos esses, ligados às recordações, lugares, pessoas e emoções que se refugiam no interior da personalidade (Carvalho, 1994; citado por Saraiva, 1994).

Na nossa cultura o fado emergiu de um repertório de todas as palavras que a língua Portuguesa dispõe, carregadas de melodias tradicionais preenchidas de sentido, significado, emoções, sentimentos, uma energia que faz vibrar o coração de cada um de nós. Numa entrega de corpo e alma pelo fadista, o fado tem uma melodia musical, que transmite uma mensagem profunda, isto é sentido na força da sua voz, com uma consistência e uma identidade própria, pelas histórias que saem do seu coração, que não são mais do que vivências passadas ao longo da sua vida, ajustando-as ao cantar o fado; inspirações e criações de estilo próprio (Carita & Simão, 2006). Isto, exige um desempenho difícil para o fadista, pois, é necessário ter uma voz que segundo os autores citados, essa voz deve se encontrar entre “meiga, amarga, suada, sofrida, feliz entre o som de uma guitarra” (p. 114). Cantar o fado, impõe uma melodia para dominar o ritmo, exige uma rima e um refrão, acompanhado pelo som da guitarra portuguesa (Barros, 2001). Para além, do trabalho que isso acarreta – procura de melodias instrumentais, suportes harmónicos e suas respectivas definições vocais e ensaios (Carvalho, 1994).

O fado divulgou-se não apenas para a rádio; estúdios de gravações em discos; filmes musicais a partir da – A Severa (1931) (Tinhorão, 1994); casas de espectáculos; como sobretudo para os teatros de revista (Carvalho, 1994) que segundo Moita (1936) com um propósito a cumprir – instrutivo e educativo. Por inclusive os teatros de revista, a partir do século vinte, tornaram-se num acesso ideal para a divulgação de produtos musicais destinados ao mercado do lazer (Tinhorão, 1994).

O fadista em estudo nesta tese - Maximiano de Sousa, mais conhecido por Max – abreviatura artística – figura artística da Ilha da Madeira, infelizmente não está mais presente entre nós, tendo falecido a 29 de Maio de 1980. Foi um Homem simples que começou por ser aprendiz de alfaiate aos catorze anos de idade, numa loja conceituada de especialidade na cidade do Funchal tendo já uma capacidade inata para o canto (Aguiar, 1967 & Lino, 2000). Max acabou por fazer excursões pelo mundo dos espectáculos nocturnos cantando fados, tendo feito a

sua primeira actuação na mesma idade que começou por iniciar a sua profissão de aprendiz de alfaiate (Aguiar, 1967 & Lino, 2000). Como as actuações em palco eram cada vez crescentes, tornou-se difícil conjugar as duas ocupações, tendo desistido da primeira para se dedicar à música e estreou-se como cantor de fados em 1932 num espectáculo decorrido na Praia oriental - uma casa onde se cantava fado, aos dezanove anos de idade, no Campo Almirante Reis (Aguiar, 1967 & Salvador, 2000), cantando alguns fados e segundo Rodrigues (1956) também imitava instrumentos. Desde tenra idade começou por exteriorizar um gosto invulgar pelo fado que segundo o autor acima mencionado parece dever-se ao facto da alma do cantor e artista ter um veio de tristeza que está presente nos fados. Max não apenas compôs e cantou fados entre outros estilos musicais, como também, actuou em teatros de revistas, onde representou peças como: Saias curtas (em 1953); Peço a Palavra (em 1969) Cala o Bico; Fonte Luminosa; Pimenta na Língua, entre outras, actuou na Emissora Nacional e em programas de televisão, o último dos quais foi o Zip-Zip em 1969 (Guinot, Carvalho & Osório, 1999) e no cinema - Bonança e Companhia e o Rei das Berlengas (Sardinha & Camacho, 2005) recriando em palco a postura da sua terra de origem - Ilha da Madeira, de uma forma cômica e irónica, numa conotação positiva, com a sua presença, gesto do corpo e atitude no olhar, fascinou quem o ouvia cantar e actuar, recebendo do público uma empatia calorosa. Construiu o seu universo musical e artístico com repertórios escolhidos a dedo que tinham histórias sobre a sua terra de origem. Sobressaiu-se como artista, pela sua entrega sincera no estilo próprio que soube criar e, assim, produziu uma carreira com êxito que ficou a fazer parte da história dos Madeirenses, e inclusive é de salientar a particularidade de na Ilha da Madeira haver em sua homenagem um busto, numa esquina na zona velha da cidade do Funchal, uma casa de fados com o seu nome localizada na Travessa da Figueira Preta e, também uma rua com seu nome na Ilha do Porto Santo - pertencente a Ilha da Madeira (Lino, 2000).

O autor acima citado faz referência ao facto do artista Raul Solnado em entrevista a jornalistas e em televisão ter dito que “ele cantava fado como ninguém o fez até hoje” (p. 12). Pois, o fado esteve nas origens de Max como cantor, trazendo para o fado um importante enriquecimento e os seus êxitos o comprovam (Gouveia, 2004).

A atenção para com esta temática suscitou da importância que o género musical - fado conseguiu na nossa cultura, adquirindo uma dimensão nacional e pela curiosidade dos Madeirenses em destacarem o Max conhecido por compositor, intérprete e artista - um “marco” patrimonial da Ilha da Madeira - sem vias de extinção. Máx é assinalado como uma imagem de marca musical, ou seja, uma figura de valor para o fado e para a musica folclórica e popular, pela importância artística que nos deixou, não apenas para a sua terra de origem, como também,

para o resto de Portugal e, inclusive é valorizado e respeitado pelos emigrantes que residem no estrangeiro.

A presente tese consiste em analisar a imagem de marca musical da Ilha da Madeira – Max - numa história de vida aludindo o tema do fado.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo 1- Fado

1.1. Uma Explicação Para a Origem do Fado

Segundo alguns autores como, Carvalho (1994), a poética do fado e a sua configuração musical esteve sempre firmada na cultura portuguesa, tendo a sua identidade própria, um estilo musical peculiar, eminente a qualquer outro, enraizado na alma do povo Português (Pinheiro, 1948). Na perspectiva deste último autor, o fado tem o seu passado, um percurso com variações que se tem apresentado no tempo. Pois, integrou uma carga, ao mesmo tempo, sentimental e dramática, própria da identidade da nossa cultura. Sucena (1992) refere que as cantigas de amigo – fado de Lisboa e as cantigas que foram difundidas por poetas e jograis, levadas pelos estudantes para Coimbra – cantigas de amor, serenatas muito sentimentais tiveram grande influência no fenómeno poético musical popular português, pela razão de termos um passado cultural com tradições sentimentais profundas inspiradas em letras poéticas que foram designadas por fado (Tinhorão, 1994 & Nunes, 1999). Em concordância, Halpern (2004) refere que o fado nasceu em Lisboa, local de maior tradição popular, tendo-se propagado por todo o País. No entanto, existe uma polémica sobre a origem do fado, isto é, pela sua trajectória, e isso pelo facto de não ter emergido de uma geração espontânea, mas sim, por uma lenta evolução, através dos séculos (Brito, 1994), sendo alvo de influências musicais que afectaram a nossa cultura (Sucena, 1992). No parecer de Pinheiro (1948) as raízes da identidade cultural do fado parecem ter tido as suas origens nos cantos gregos – música diatónica da Grécia antiga. Segundo alguns historiadores resulta de uma dança afro – brasileira nos inícios do século XVI, designada por *lundum* – danças obscenas actuadas pelos escravos africanos que foram para o Brasil (Moita, 1936 & Barreto, 1960). Dança essa, exótica (alegre e sensual) designada por fado/dança, que segundo Pinho (1948) parece ter sido o antecessor do fado que, ao ritmo africano, deu origem a uma canção aristocrática – fado (Barreto, 1960). E, mais tarde por aculturação, ou seja, mediante o contacto com essas culturas vieram dados para a nossa, sendo obviamente modificados, no que diz respeito a linha melódica e base harmónica, tendo o carácter fado no sentido estrito da palavra, uma construção formal (Halpern, 2004). A respeito desta polémica sobre a origem do fado, há uma outra versão, que consiste no facto do fado ter tido uma origem marítima, do canto das pessoas do mar (Brito, 1994) que segundo Carvalho (1982; citado por Sucena, 1992) “Até então o único fado que existia, o Fado dos marinheiros” (p. 14). E, esta teoria defendida deve-se ao facto que teriam sido os marinheiros os responsabilizáveis pela poética do fado (Carvalho, 2003). Segundo Moita (1936) as canções dos marujos – canções do mar, revelaram verdadeiramente um sentimento de saudade encantador. A saudade profunda sentida pela pátria que deixaram para trás, que segundo Barreto (1960) pela dor sentida devido a separação da

distância e do tempo em navegação foram as responsáveis pelas emoções fortes vindas da alma desses marinheiros, as tristeza, lamentações pelos longos períodos em navegação, fizeram advir as composições poéticas nos ritmos undívagos de melancolia e sofrimentos passados à proa das embarcações nasceu o fado, que de acordo com Carvalho (2003) foi o único fado que existia e serviu de protótipo para os primordiais fados que se cantaram em Lisboa, uma vez que os marinheiros vagando por todos os cais do mundo levavam o fado por onde desembargavam (Barreto, 1960). E, o primado foi para o Bairro popular de Alfama, e isto por ser uma zona preferencial de desembarques e embarques dos marinheiros, sendo depois, difundido para outros bairros populares, como, Mouraria, Madragoa, Bairro Alto e Alcântara; a moda do fado tornou-se assim, popular em Lisboa (Moita, 1936 & Barros, 2001). A última versão é defendida por alguns autores que suportam a ideia de o fado ter tido a sua origem árabe mais especificamente das *hudas* árabes – cantos árabes (Moita, 1936), que por aculturação foram incorporados no nosso género musical, acompanhadas pela dança sensual e alegre vinda da cultura afro-brasileira, adaptada a nossa tradição (realidade social) resultou o fado trazido da aristocracia vinda do Brasil, proveniente do cenário natural dessa dança vinda da criadagem (Tinhorão, 1994) que tem vindo a ser modificado até aos nossos dias, mas mantendo a postura tradicional de sempre – iniciou-se por se cantar com versos populares (Teófilo, 1885 & Mascarenhas, 1970; citado por Barros, 2001) e transformou-se numa canção urbana nacional, designada desse modo por ser um género de musica popular de consumo geral. O fado distanciou-se cada vez mais das suas origens acima referidas, pois implicou mudanças de comportamentos e concessões (Tinhorão, 1994). Essa versão árabe tem sido muito polémica entre alguns autores como Halpern (2004; citado por Vieira, 2004); Carvalho (1994) & Pimentel (1989) pois defendem que a influência árabe afectou apenas a parte sul de Lisboa, uma vez que tem a ver com o facto dos árabes se terem instalado e mantido por mais tempo nesta região, tendo conservado os seus costumes e tradições e o fado propriamente dito só começou a ser conhecido apenas na cidade de Lisboa e estes autores estão orientados na defesa da versão marítima para a génese do fado (Moita, 1936).

1.2. A Alma Portuguesa: O Fado

A palavra fado, enquanto forma musical de expressão de cultura popular (Brito, 1994) que segundo, Sucena (1992) tem a sua origem do latim *fatum* com o significado de sorte, destino – num conceito de imutabilidade do andamento da vida – a canção do destino, de alma Portuguesa e proximidade de tristeza – o fado (Barreto, 1960; Pimentel, 1989 & Brito, 1994). Segundo Pimentel (1989) é um cantar em que o fadista lastima o seu destino, inclusive há um fado que se intitula mesmo por – Destino, que é puramente lusitano. Para Pimentel (1989) e outros autores (Brito, 1994 & Carvalho, 2003) o fado é um poema de carácter popular romântico que relata uma história verídica ou imaginária, de desenredo triste ou não, lamentando ou rindo (quanto ao facto de ser cantado com alguma alegria, vivacidade) acompanhado pelo ritmo e tocar de uma guitarra com a intenção de cantar para acalmar a tristeza (Barreto, 1960). A saudade está vinculada no nosso coração por um sentimento de perda (Brito, 1994) e desperta na alma de qualquer fadista que sabe cantar o fado, que o sente e faz sentir ao público, no parecer de alguns autores, uma certa nostalgia de um tempo passado, referência ao destino, ao sofrimento; e na convicção de outros desperta também uma certa alegria e vivacidade. E, o que foi dito é argumentado por Halpern (2004; citado por Nery, 2004) que “a saudade é um vocábulo que só existe em português, que expressa uma espécie de nostalgia” (p. 24). Esta emoção – saudade – tem um dupla conotação contraditória no fado, pois, segundo Carvalho (1994) é uma dor inspirada pela ausência que se sente (mágoa) e uma satisfação por estar presente na nossa memória, que nos faz recordar “é um estar em dois tempos e em dois sítios ao mesmo tempo, que também pode ser interpretado como uma recusa a escolher: é um não querer assumir plenamente o presente e não querer reconhecer o passado como pretérito (Carvalho, 1994; citado por Saraiva, 1994). Em concordância, Halpern (2004) refere que na nossa cultura a palavra fado traduz um estilo musical triste por tradição, cantando num tom magoado, com o sinónimo de destino, na sua maior parte das vezes, expresso numa conotação negativa, pelas emoções que este estilo transmite as pessoas que o ouvem e sentem. Emoções essas, como – mágoas, desgostos, solidão, saudades e, também, pelos percursos dolorosos passados ao longo da vida, levando-as a derramar lágrimas quando o escutam, segundo Pimentel (1989) “... O fado é a melancolia. Por baixo dos seus sorrisos, gracejos e gargalhadas d’ elle, havia lágrimas sempre...” (p. 28). Pois, é sentido pela experiência subjectiva de cada um de nós (Carita & Simão, 2006). Halpern (2004; citado por Nery, 2004) envia ao coração de cada um de nós um respeito por este estilo musical, projectando-nos sentimentos profundos que vivem no nosso intrínseco. Segundo Moita (1936) a letra do fado em si enquadra toda a poesia popular que tem como fundo uma lamentação. No parecer de Carita & Simão (2006); Sucena (1992) o fado não é

somente um cantar com uma entoação triste, melancólica, como muitos fadistas fazem que o seja, é também, cantado e tocado com alegria, humor e paixão, que nos transmite felicidade e vida. Os autores referem ainda, que não é necessário que tenha um carácter depressivo, basta que seja intenso, ou seja, que chegue ao sentimento de quem o escuta e sente. Para além da saudade, motivação de inspiração fadista, o amor é também um tema predilecto dos fados, não somente por ser o inspirador de todos os tempos como salienta Barreto (1960) “ o amor perdido, pelo abandono e pela morte” (p. 378) elegido como um dos motivos da motivação poética do fado. E, segundo Moita (1936) o amor equivale ao mais elevado sentimento Humano, como uma expressão nacional. Para Pimentel (1989) narram-se fados para todos os acontecimentos da vida que expressam os sentimentos não só do fadista que os canta mas também sobre a vida de uma certa classe social.

1.3. Fado numa Perspectiva Histórica

No expressar de homens simples e importantes quer no lamento diverso ou empreendedorismo desde o antigo até ao presente, tempo a tempo (Parreira & Machado, 1999). A expressão de um povo formador e formado de tantos outros, entrecruzados no tempo, experimentando timbres de notas e instrumentos desde os mais remotos dedilhados, madeiras e cordas, pelos trovadores e mais tarde em Coimbra particularmente os Doutores – cantiga de amigo, cantiga de escárnio ou maldizer e de amor (Guinot, Carvalho & Osório, 1999). Os autores citados, fazem referência à Lisboa - Mouraria e Alfama, também, Bairro Alto, não esquecendo os palácios das quintas reais do Campo Grande dos belos e doutos saraus monárquicos passando tanto a ser dos ricos como já era dos pobres, adoptando, criando estimulando durante séculos viajado pelos sete mares, continentes e ares e assim, mais haja ou houvesse, agora e sempre passaria e se denotasse por singelo ao luar cantando, como que apregoadado, tomado de doce e de salgado como a língua, idioma ou palavra que o inventou ou iniciou não sendo sabido com certeza absoluta, o seu ponto original de Portugal, muito antigo e quando se iniciou, por ter o mundo todo (antigo) percorrido. De acordo com, os autores acima citados, o emblema nacional escuro ou negro, tal o esforço expansionista português trajado de negro das capas dos estudantes episódico e nocturno, como diurno, dolorido e romântico, tal o mar profundo inventariado pelas nobres guinas navegantes, nestas ondas banhadas, desde e até as praias Lusitanas; após as tempestades convertidas em porto seguro ou Porto Santo. E, por todo o Portugal antigo, contemporâneo e cultural desta oitocentista sociedade (Carvalho, 1982).

Cantado e ouvido por toda as pessoas, pretensas damas e damas da Mouraria – A Severa, muitas mais mães e filhas, eles e elas dedicados, cantores e cantadeiras, músicos, tocadores, acompanhantes, poetas compositores, verdadeiros amantes e não actores, peixeiras, floristas como a Júlia Florista e de tantas outras profissões, tendo sido também, de acordo com o autor citado o conhecido popular rapaz da bica – Fernando Farinha e Alfredo Marceneiro – com o seu jeito do lenço ao pescoço bem castiço, bem como o xaile delas negro sobre os ombros e caindo sobre o lado, franjado, enriquecendo o estilo, por estas muito bem defendido, encarnando-o como se fizesse parte das suas vidas (Guinot, Carvalho & Osório, 1999). Nos vários nomes por estes autores mencionados em aspectos da vida corrente e da sociedade deveras marcantes – monárquico, republicano, fado democrático e do desgraçadinho; na serenata e no espaço próprio das tabernas e casas de fado, realizado à luz da vela ou também chamado a media-luz. Podendo ser rido enquanto cantando, mas por outro lado, e ainda mais chorado, por muitos considerado boémio. Presentemente, e de acordo com o autor acima citado, é considerado no aspecto artístico e cultural em todo o mundo, tempo e lugar, na rádio, disco, televisão, teatro de revista e cinema. Alguns aspectos típicos face a sua origem, noutras paragens e acompanhando os portugueses em seus trajectos, géneros de poesias próprias como o chamado verso Alexandrino, toques musicais, guitarras, lenços, xailes. Canção da vida e para a vida, tal na estudantil das repúblicas e tuna de Coimbra, foi influência e influenciado ao longo das épocas como anteriormente referido. Rostos de alguns nomes sonantes para muitos outros, até se confundirem com toda as pessoas, por ser popular e a canção de alma na expressão de Portugal segundo o autor acima citado vivenciando a pura Lusitânia e lusitanidade, espuma das ondas, verdadeiro por ser a verdade de cada um, na canção de muitas historias, uma historia de muitas canções – Continentais, Insulares e Marítimas. A insularidade marcante, através de Max – compositor, cantor, intérprete e fadista de renome, de saudosa memória, ao mesmo nível, de outros vultos da canção do fado e de outros estilos musicais e da cultura. O autor, ainda acrescenta que no capítulo da luz de amor envolvido na sombra do espaço envolvente, por isso mesmo, aconchegante de serão ou sarau familiar, assim adoçante do fado, corrige a vida pela poesia e a melodia, épica e actual. Carvalho (1982) refere que o fado do embossado, envolvendo a própria figura, interessada e apegada ao meio social próprio mas também, cultural do preenchimento do espaço envolvente com o rei de Portugal – D. Diniz. Noutro aspecto do contexto, a imagem da mulher forte de avental e centralizadora típica, particular, personalizada e personalizante da lidadeira – dona de casa, junto ao fogão, lareira ou mesa de sala, cuidando da lida e género de musa, bela ou feia, bruxa ou fada, talvez princesa, também ela encoberta fazedora, concretizadora, no cuidado da casa e dos restantes pelo melhor ou pior, dia a dia, preenchendo o momento de união, o lugar da cantadeira.

Para Parreira & Machado (1999) o fado é vivenciado num amplo e mais vasto, aliado a tradição, na festa brava da vida e da tauromaquia, em timbres valorosos a realidade do sonho vivido e por sonhar. Para Carvalho (1982) tal o tempo e as ondas do mar, a claridade e a negritude das luzes e das sombras, o sol e a lua, nos elementos constituintes da natureza, alegria e a tristeza, o consolo e a solidão, da vertente do finito até ao infinito, do conhecimento ao improviso, arraias e bairrismo, marchantes de um destino vivenciando sem fim. O autor refere ainda que a luz da lanterna e no silêncio da rua, entre um Tejo prateado e o céu estrelado, o olhar e um beijo apaixonado reflectem o fado.

1.4. Os Anos Áureos do Fado

Segundo Sucena (1992) os anos trinta, quarenta e cinquenta foram o auge na história do fado, não somente pelos intérpretes da época como, também pela divulgação que a rádio fez das cantigas. Os compositores das letras e cantos acompanharam a evolução dos gostos do público português mas nunca perdendo a postura e a base tradicional que faz parte do fado, apenas segundo o autor citado, ensaiaram formas de enunciação mais de acordo com os tempos modernos e com as novas realidades que se depararam – os novos tempos, décadas. No início dos anos trinta, o fado antigo chegava ao fim, pela regulamentação da propriedade artística e os direitos do autor, abriram as portas para o exercício de uma actuação, que até então era amadora e passou a ser profissional (Sucena, 1992). Deu-se início a prática da contratação escrita dos intérpretes e a obrigatoriedade de repertório próprio declarado legalmente pela inspecção geral dos espectáculos e por último o estabelecimento da carteira profissional, licença para cantar em público e se apresentarem no mesmo como artistas e de acordo com Brito (1994) a partir daí criaram-se as relações sociais em torno do fado. Esta época marcou segundo o autor acima citado, a profissionalização do artista, época em que surgem as casas típicas do fado e este é divulgado através da emissão radiofónica. E, a introdução do fado no teatro de revista, tornou-se num dos integrantes indispensáveis do mesmo. Neste período oficializou-se, de acordo o autor mencionado, a profissionalização dos artistas de variedade assim chamados, com o objectivo de proteger as pessoas que se dedicavam a esta actividade e autorizar os espectáculos públicos. E, um facto do que foi dito atrás, a respeito da oficialização dos artistas, é que se deu iniciou a biografia dos fadistas e a edição dos discos.

A rádio teve o seu papel fulcral na divulgação do fado, circulando a palavra cantada – os topos das tradições populares orais (Brito, 1994) pela atenção merecida que lhe concedeu a emissora na altura, a rádio colonial passou a emitir regularmente a partir dos anos trinta a

transmissão de um programas de fados, com meios técnicos rudimentares, próprios da altura, mas que chegava ao público ouvinte. Por sua vez, o aparecimento das primeiras publicações periódicas sobre o fado teve um papel fundamental para a difusão do mesmo para o público (Brito, 1994). Na década de quarenta, a atenção do fado debruçou-se sobre as actividades dos novos talentos, acompanhando-os desde a sua estreia até a sua profissionalização (Brito, 1994) houve nesta época uma nova dinâmica de cânticos fadistas, colocando-os nacionalmente e internacionalmente (Sucena, 1992). Segundo o autor acima citado, no final dos anos quarenta, Lisboa foi a cidade de referência para quem queria ouvi-los. Na década de cinquenta também houve um número crescente de cânticos fadistas com uma força estimulante. O fado foi desde sempre, de acordo com o autor acima referido, uma canção popular, dotada de um romantismo doentio pela saudade, tragédia e esperança e “o fado português, é toda uma mentalidade, é toda uma história” (p. 314). O fado emoldura ideias, sentimentos, factos de uma vida num cântico que se constitui em fado – canção popular, merecedora e digna de aplausos (Sucena, 1992). Nesses tempos acima descritos, segundo Brito (1994), o lugar habitual de cantar o fado não foi somente nas tabernas, pela circulação das camadas sociais populares, mas também nas sociedades culturais e recreativas ligadas aos bairros populares mais antigos, como Alfama, Mouraria, Madragoa, nos restaurantes típicos e em salas de espectáculos, sendo o fado um meio educativo pelo seu conteúdo, cantava-se o fado tanto nos momentos de tristeza como de alegria.

Capítulo 2 – *Branding*

2.1. Conceito de *Branding*

A transformação do fado em produto cultural projectado ao mercado aplica-se ao conceito de *Branding* - estuda qualquer indivíduo, organização e produto ou serviço. Na presente tese esta definição está orientada para o indivíduo e produto – imagem de marca musical – Max e alusão ao fado. O termo *Branding* está no alicerce de um princípio primordial de psicossociologia que, segundo Grimaldi (2003; citado por Torres, 2008) é a forma como os indivíduos processam, se recordam da informação processada, armazenada na memória sobre uma dada marca. Kohli & Leuthesser; Low & Lamb (2001; 2000; citado por Torres, 2008) acrescenta ainda que, para os responsáveis de marketing, a associação a uma marca é igualmente importante como para os consumidores, e isto deve-se ao facto de usarem esta conjugação, para diferenciação, posicionamento, expansão, e como também na criação de sentimentos positivos relativos à marca e assim, nasce as vantagens de se adquirir uma dada marca em desfavor de outra (Azevedo & Farhangmehr, 2003). Para os consumidores, o autor acima citado refere que usam essa conjugação para os facilitar no processamento, organização e retenção da informação na sua memória, e isto faculta a decisão de compra de dada marca.

2.2. Conceito de Marca

Segundo Torres (2008) existe uma multiplicidade de descrições para o conceito de marca – *Brand* – que pode representar muitas coisas. Para Kotler (1991; citado por Azevedo & Farhangmehr, 2003) o conceito de marca envolve nome, símbolo, signo ou combinações destes, que visa identificar serviços de um produtor ou grupos e difencia-los dos serviços da concorrência e refere ainda que tudo o que interage com os nossos sentidos pode ser uma marca registada. Para Sampson (2000; citado por Torres, 2008) este vocábulo – Marca – é sobre-usado e daí que o seu significado tornou-se ambíguo, não apenas pelo âmbito que se associa a um ícone, logótipo ou palavra, mas também deve-se ao valor e reputação da organização que o difunde (Gossen & Gresham, 2002; citado por Tores, 2008). Segundo Kapfere & Aaker (1994; 1996; citado por Azevedo & Farhangmehr, 2003) a marca é um instrumento, uma imagem na mente dos consumidores – identidade visual, que ajuda na recordação e compreensão da informação; para outros autores como Kapferer (1994; citado por Torres, 2008) é uma garantia que confirma a qualidade consistente ou um certificado de origem. Carvalho (2002) distingue imagem da marca de imagem de organização. A imagem de marca é indispensável pois os consumidores usam essa imagem, que não é mais do que uma representação mental, para

discernir as marcas umas das outras, bem como, apoio para os seus comportamentos de compra (Foxall & Goldsmith, 1994, citado por Carvalho, 2002). É, a identidade de cada marca que a diferencia das outras (Kapfere, 1992, citado por Carvalho, 2002). Carvalho (2002) salienta que é cada sistema de mercado que origina os conceitos e instrumentos próprios para dominar a identidade da marca.

2.3. Valor da Marca

O valor da marca é entendido como o conjunto de conjugações e de comportamentos, por parte dos consumidores da marca, dos componentes do circuito de distribuição que permitem a marca ganhar o maior número de vendas, que não podiam ser concretizadas sem a marca (Azevedo & Farhangmehr, 2003). O autor referido salienta, que o capital de marca pode ser analisado, segundo a perspectiva das percepções do consumidor, pelos âmbitos da fama, associações a marca e qualidade percebida, o que implica segundo o autor uma avaliação de vários aspectos, que constam da – preferência de um produto com marca versus produto sem marca (Aaker, 1991; Agarwal & Rao, 1996; Mackay, 2001; citado por Azevedo & Farhangmehr, 2003); importância do nome (Louviere & Johnson, 1988; citado por Azevedo & Farhangmehr, 2003); e do efeito do conhecimento da marca: nome, recordação, reconhecimento, imagem e conjugações, na resposta do consumidor ao marketing da marca (Keller, 1993; citado por Azevedo & Farhangmehr, 2003).

Segundo, Aaker (1991; citado por Azevedo & Farhangmehr, 2003) as áreas de atitude e comportamento são também contempladas no multiplicador de ganhos, baseado num conjunto de medidas de marca que constam de cinco componentes: fama, conjugações, qualidade percebida, fidelidade a marca (satisfação) e outros dinâmicos de propriedade industrial como patentes e marca registada - nesta tese a marca em causa é o artista – Max. No parecer de Biel (1997; citado por Azevedo & Farhangmehr, 2003) o valor da marca depende exclusivamente do desenvolvimento de uma identidade única, vivida e com significado para a marca.

2.4. A Marca do Produto

De acordo com Kpekemoer (1998; citado por Torres, 2008) o produto não é marca, isto pela razão, de o produto ser manufacturado e a marca ser criada. O autor argumenta que o produto, ao longo do tempo, sofre transformações; já a marca detém-se constante, por ser posicionada e diferenciada com base nos valores culturais (Mowen & Minor, 2007). Todo o processo estratégico e hábil da construção da marca focaliza-se na relação consumidor-marca - tende para o marketing das emoções e o marketing de relacionamento (Azevedo & Farhangmehr, 2003). Kpekemoer (1998; citado por Torres, 2008) refere ainda que a marca torna-se uma extensão da identidade do consumidor, inclusive salienta que a “magia da marca reside no relacionamento marca-cliente, uma das principais fontes geradoras do valor da marca” (p. 64).

O conceito de *Branding* de produto fixou-se através dos próprios nomes dos produtos, das patentes e das campanhas de marketing no parecer de Koekemoer (1998; citado por torres, 2008).

Capítulo 3- História de Vida de Max

Max aos vinte anos de idade juntou-se ao grupo musical de Tony Amaral em 1943, altura que deixou a sua primeira ocupação, que foi também a sua paixão – alfaiate. Max chamado na altura por alfaiate-fadista decidiu fazer a sua digressão para Lisboa com este grupo musical em 1947 (Sardinha & Camacho, 2005), para o mundo do espectáculo e animação, Max foi vocalista e baterista deste conjunto, tendo iniciado assim, a sua carreira artística no Flamingo do Funchal (Calisto, 1980). Sardinas & Camacho (2005) salientam, que Max iniciou a sua carreira a solo em 1949, altura em que grava o seu primeiro disco, com acompanhamento musical do conjunto mais conhecido do País – o conjunto de Tony Amaral. É de salientar que, para além dos fados como já foi referido inicialmente, integrou outros estilos musicais, interpretou composições da época que constavam de boleros, sambas e jazz (Salvador, 2000). Quanto aos fados, Max encontrou um suporte musical, a partir das suas vivências, para a composição e interpretação de tudo aquilo que cantou e interpretou (Sardinha & Camacho, 2005). Segundo Lino (2000) esse grupo, o qual Max integrou, fez um trampolim na música Portuguesa, palavras ditas por um artista e amigo de Max – Raul Solnado. Este artista relata que Max teve um estilo vocal próprio para compor e cantar o fado, desde a iconografia, a postura que teve nas actuações em palco e uma forma muito peculiar de energia na capacidade afirmativa quanto a entoação, ou seja, no modo de executar as melodias tocando e cantando o fado e outros estilos musicais. Um facto curioso é que, apesar de ter nascido na Ilha da Madeira, não tinha a pronúncia da sua terra de origem quando cantava o fado nem nas actuações que fez em teatros de revistas. O autor acima mencionado refere ainda, que a artista Simone de Oliveira privou da companhia de Max e segundo a artista, Max é lembrado pela sua particular aptidão para imitar com a voz todo o tipo de instrumento e o seu manuseio com perfeição, também imitava vozes, contava anedotas e bailava o bailinho da Madeira (Moniz, 1965) e nas suas actuações em palco vestia-se à moda original da Ilha da Madeira – com o traje típico do Bailinho da Madeira ou usava o barrete de vilão e refere inclusive que criava as canções enquanto conversava com os amigos, artistas que privavam da sua companhia. E, refere ainda que Max era a imagem da Ilha da Madeira, tendo sempre em si a sua terra de origem presente, com a sua “naturalidade” e “simplicidade”, representou e projectou a ilha da Madeira para o mundo, como ninguém soube fazê-lo. Palavras ditas por Paco Bandeira a uma entrevista feita por Calisto (1980) Max - é “ um vulto cultural que divulga nas suas actuações a verdadeira música popular da Região que o viu nascer” (p. 3). Numa entrevista feita a irmã de Max - Bertine refere que o grande sucesso de Max foi depois de ter vindo para Lisboa. Foi na Capital que teve o início de uma carreira bem sucedida e, acrescenta ainda que só depois de Max vir da Capital com sucesso é que foi tratado de forma

diferente na Ilha. A irmã argumenta o que disse ao jornalista, que num dos aniversários da morte do irmão passaram em Lisboa, na televisão um dos grandes êxitos que o mesmo popularizou, temas como, a mula da cooperativa - relembrando-o a cantar e a tocar enquanto que na Ilha nem um único disco passaram na rádio (Lino, 2000 & Martins, 2004). Raul Solnado relata na entrevista que lhe foi feita que quando Max falava da Ilha da Madeira tinha alguma tristeza, pela razão de não o terem tratado como julgava ter merecido, mas contudo, não deixou de ter carinho pela sua terra de origem. Max foi um homem dos sete ofícios com uma capacidade inata para o talento de cantar, representar, actuar em palcos e inovar o cenário artístico da sua época (Sardinha & Camacho, 2005).

De acordo com Lino (2000) o artista em causa nesta tese levou a madeira ao mundo, com naturalidade, competência e dentro da sua maneira de ser. Começou por cantar fados, como – Viegas de Alfama; Nem às Paredes Confesso; Tudo te Dei; Fiz Leilão de Mim; Júlia Florista; Carta de um Soldado e Saudade da Madrugada (Guinot, Carvalho & Osório, 1999), tendo-se expandido para outros estilos musicais, como canções humorísticas; na sua obra musical integram temas como: Bailinho da Madeira; Porto Santo; Saudades das Ilhas; Noites da Madeira; Mula da Cooperativa; Casei com uma Velha da Ponta de Sol; Bate o Pé; A Micas das Violetas; Nem as Paredes Confesso; Tingo Lingo Lingo; Pomba Branca – fado-canção que relata bem a versatilidade musical de Max (Pinto, 1992), e entre muitos outros que segundo Lino (2000) se encontram divididos em trinta e três rotações – Max Fado. Nas suas digressões artísticas pelo mundo: Espanha, França, África (Angola, Moçambique, África do Sul), Estados Unidos da América, Venezuela, Brasil, Argentina, Canadá, Áustria, Alemanha, Austrália, Bélgica, entre outros países levou o seu fado, a sua música folclórica e popular, acompanhadas pelo humor, retratando a “alma” da população Madeirense (Rodrigues, 1956 & Moniz, 1965). Segundo Salvador (2000) Max procurou prestigiar a região e o País a que pertencia através da sua maneira de ser, da sua “sensibilidade”, sentido musical e do seu “humor engenhoso”, como por exemplo, a interpretação da cena da imitação de velha pitosga e de lenço na cabeça, tentando enfiar a linha no buraco da agulha, revela uma comicidade engenhosa (Moniz, 1965). É de salientar que quando Max foi pela primeira vez aos Estados Unidos da América em 1956, apresentou-se ao vivo na NBC, para uma audiência de 48 milhões de telespectadores, digressão esta pelos Estados Unidos da América que teve a duração de dois anos, percorrendo as principais cidades americanas, com os Nicholas Brothers, interpretando sempre em português (Sardinha & Camacho, 2005). Pinto (1992) salienta um facto curioso sobre o Max que apesar de não saber cantar em línguas, interpretou as suas músicas sempre em português entregando-se com toda a

sua “alma” e “coração”, recebendo sempre uma recepção bastante calorosa de aplausos vindos do público.

O enriquecimento musical de Max é comprovado de acordo com Lino (2000) pelos seus êxitos como, “aquele da velhinha da Ponta de Sol e da Mula da cooperativa” (p. 10). Pinto (1992) salienta que a Mula da Cooperativa, foi um dos seus êxitos mais conhecidos, não apenas pela sua letra repleta de humor, como também pela forma como a interpretou. Hoje ainda o é, facto este, que é confirmado uma vez que continua a ser muito ouvido por um grande número de pessoas dispersas pelo mundo (Lino, 2000).

O presidente do Governo Regional da Ilha da Madeira – Alberto João Jardim – reconheceu o trabalho de Max publicamente num espectáculo em sua homenagem, o qual foi contemplado com prémios semelhantes o qual recebia no passado, sendo os últimos prémios cedidos a sua família (Sardinha & Camacho, 2005). Segundo Freitas (2003) passados vinte e oito anos do seu falecimento, permanece a sua carreira, memórias, histórias de quem com ele privou, aprendeu e com quem passou bons momentos, ficaram imortais na nossa cultura e em todo o mundo, segundo Calisto (1980) o nome de Max ficou para a nossa história – lendário.

Parte II – Secção Empírica

Capítulo 4 – Método

4.1. Participantes

Os participantes que compõem a amostra deste presente estudo são pessoas que privaram da companhia do Max, e que também o conhecerem. Assim sendo, trata-se de uma amostra intencional - o entrevistador selecciona determinados indivíduos, que são considerados informantes – chave, de acordo com um agregado de critérios pré-definidos e considerados úteis para o estudo desta investigação. A selecção dos entrevistados foi feita de tendo em conta a idade (igual ou superior a sessenta anos), a disponibilidade dos mesmos e o contacto estabelecido para a realização das entrevistas foi realizado através da casa do artista. A realização e a recolha das entrevistas foram efectuadas pelo autor da presente tese.

4.2. Delineamento do Estudo

Com este estudo de investigação, pretende-se saber o impacto que o Max teve no mercado da música como imagem de marca musical não apenas na Ilha da Madeira; como em Portugal Continental e no estrangeiro. O estudo é qualitativo apresentando-se de forma descritiva, pois, segundo Robson (1999, citado por D’Oliveira, 2005), “procura-se retratar em detalhe as características das pessoas, acontecimentos ou situações. Neste tipo de estudo pretende-se obter um conhecimento aprofundado dos fenómenos sendo para tal utilizadas várias fontes de informação” (p. 15). Assim, este presente estudo é considerado um estudo descritivo porque se pretende analisar a imagem de marca musical da Ilha da Madeira – Max – numa história de vida aludindo o tema do fado. Numa análise de conteúdo que visa orientar a pesquisa das entrevistas feita aos entrevistados, o termo que classifica o material a analisar é *corpus* (Bardin, 2008).

4.3. Instrumento

Para a recolha de dados irá ser aplicado uma entrevista não directiva, de carácter completamente livre. Esta entrevista pressupõem que o entrevistador proponha aos entrevistados discursar sobre o tema definido previamente pelo entrevistador, numa exposição ordenada sobre o mesmo, numa pré-dica completamente livre pelo entrevistado, que compõe elementos das falas directas do entrevistado (Bardin, 2008). Falas do entrevistado que não são mais do que informações particulares, que são reveladoras da intemporalidade do compositor, intérprete, cantor e artista, não presente mais entre nós (Salvador, 2000). Segundo o autor acima mencionado, o modo como o entrevistado estrutura o discurso quanto ao tema definido pelo

entrevistador é fulcral, uma vez, que o entrevistado deve seguir os seus próprios raciocínios, re-interpretando o tema segundo os seus próprios quadros de referência.

4.4. Procedimento

Numa fase inicial e antes de contactar a casa do artista e concedida a respectiva autorização, proceder-se-á a uma entrevista piloto de forma a verificar se os termos técnicos da entrevista estão bem definidos, aumentando assim a validade da mesma, visto que será uma adaptação de várias entrevistas (Bardin, 2008).

Assim, o método da presente tese incide, também, em conhecer o artista Max, como imagem de marca da Ilha da Madeira, numa história de vida aludindo o fado, através do registo de testemunhos, numa análise de fontes orais, por meio das entrevistas daqueles que têm vivido o fado e privaram da companhia do artista Max.

Foi construído um guião de entrevista não directiva para fornecer um material verbal rico para a análise de conteúdo. Num cenário livre a pessoa discursa de forma espontânea sobre o que sente e pensa sobre as questões abertas que lhe são feitas sobre um determinado assunto usando os seus próprios meios de expressão, representações e emoções. Assim, foram feitas perguntas orientadoras que focam aspectos que interessam ao entrevistador explorar para a selecção dos episódios mais relevantes agrupando-os posteriormente nas respectivas categorias para a sua consequente análise de conteúdo (Bardin, 2008).

- a) Como considera o Max como pessoa e artista?
- b) Na sua opinião quais os momentos que foram relevantes na vida do artista Max?
- c) Considera que a carreira profissional do Max foi produtiva e brilhante?
- d) Como avalia o impacto e projecção que o Max teve em Lisboa e a nível internacional?

Capítulo 5 – Resultados – Análise de Conteúdo

5.1. Definição de Categorias

Categorias	Definição de Categorias
Aspectos Psicológicos e Internos do Max	Define-se por aspectos psicológicos e internos tudo aquilo que remete para o “eu” do indivíduo e aspectos intrínsecos do mesmo. Adjectivos: personalidade, carácter, temperamento, íntimo e emoção.
Vida do Max	Define-se por vida como sendo a biografia do indivíduo, remete para o modo de viver do indivíduo desde o seu nascimento até a morte. Adjectivos: essência, ser, crescimento, estímulos, criação, inteligência, concepção, realidade e ente.
Carreira Profissional do Max	Define-se por carreira profissional o percurso profissional do indivíduo, o acumular de experiências desafiantes. Adjectivos: qualidade, responsabilidade, criatividade, postura empreendedora do sujeito, sólida - relativamente ao óptimo desempenho profissional.
Projeção que o Max teve a nível Nacional e Internacional	Define-se por projecção a imagem causada num público por alguém de renome (famoso, célebre) e, por tal, conhecido de todos. Adjectivos: sucesso, notório, prestigioso, importância social, fama, prodigioso e respeitado.

5.2. Categorias Teóricas de Condução da Análise de Conteúdo

Categorias	Categorias Teóricas de Condução da Análise de Conteúdo
Aspectos Psicológicos e internos do Max	<p>Segundo os entrevistados, Max foi a personificação da “simplicidade”, “modéstia” e “naturalidade”, com uma capacidade inata para o “talento” de cantar, representar e actuar em palco, nas palavras do entrevistado Manuel “(... achava-o muito divertido, modesto, Humano e muito simples ...)”; “(... Max cantava muito bem o fado dentro da voz que tinha era um actor por excelência ...)”. De uma forma “cómica” e “modesta” soube cativar qualquer público que o ouvia cantar e assistia as suas actuações, nas palavras da entrevistada Raquel “(... era muito Humano e divertido, encantava toda a gente, tanto adulto como criança, tinha alma para encantar toda a gente ...)”. Max distinguiu-se de todos os outros artistas da época, pelo seu “entusiasmo”, “magnetismo” e “carisma”, nas palavras da entrevistada Maria “(... era um Senhor com um carisma bastante elevado ...)”.</p>
Vida do Max	<p>Max perdeu o seu Pai muito cedo (aos catorze anos) e como tal teve que abandonar os estudos para trabalhar como alfaiate - sua primeira paixão, em simultâneo praticava a sua outra grande paixão – cantador de fados, tendo cantado fados em diferentes bares nocturnos no Funchal. Quando integrou no conjunto de Tony Amaral, dedicou-se exclusivamente ao seu “talento inato” para a música e para o palco. Segundo os entrevistados, vindo para Lisboa, inicia a sua carreira profissional, conquistando o público não apenas, através da sua grandeza de “alma” musical como também, pela sua “comicidade genial” e “imprevisível”, nas palavras da entrevistada Ana “(... a graça e o humor foram as responsáveis pelos seus sucessos ...)”. O seu sucesso em Portugal permitiu-lhe o acesso a qualquer parte do mundo difundindo a cultura da sua terra de origem. O uso habitual do traje típico da Ilha da Madeira fez do Max um símbolo nacional e internacional e, mesmo de <i>Smoking</i> nunca dispensou o seu famoso barrete de vilão, retratando a “alma” do povo que o viu nascer, nas palavras do entrevistado Luís “(... o talento de Max e o modo como projectou o nome da Ilha da Madeira no mundo ficou para a história, foi de facto uma figura representativa da Ilha da Madeira ...)”.</p>

Categorias	Categorias Teóricas de Condução da Análise de Conteúdo (Continuação)
Carreira Profissional do Max	Segundo os entrevistados, Max dotado de grande “sensibilidade” e sentido musical, compôs muitas das músicas do seu longo repertório, obteve grandes êxitos. Para além, de cantor nos palcos das casas de fado, casinos e cabarés, esteve também, em programas da rádio, participou em televisão e em várias peças de teatro de revista, revelando mais uma vez o seu “dom de actor e humorista”, nas palavras da entrevistada Raquel “(... foi um verdadeiro actor do que fazia, compunha as suas próprias letras, peças da revista, entrava na parceria de co-autor, porque tinha muita coisa escrita e tinha muito valor, participava na fabrica do espectáculo. Cantava bem e representava o que cantava ...)”.
Projeção que o Max teve em Lisboa	Segundo os entrevistados, Max foi uma “presença singular” que conquistou o público português através do seu “talento” inato para a música, canto e para o palco. Brilhou com luz própria e alcançou êxito a nível nacional, nas palavras do entrevistado Luís “(... um artista de projecção nacional, que não esqueceu as raízes culturais da sua terra, tendo-as divulgado pelo mundo à fora ...)”, nas palavras da entrevistada Maria “(... Em Lisboa foi muito bem recebido tanto pelos colegas de profissão, como pelos amigos que privaram da sua companhia, como também, pelo público ...)”.
Projeção que o Max teve no Estrangeiro	Segundo os entrevistados, Max após a conquista do seu nome em Portugal, como uma das mais “populares” e “talentosas” vedetas da rádio, do teatro e da televisão portuguesa, conquistou um lugar importante no plano artístico internacional, tendo obtido um largo sucesso pelo mundo, nas palavras da entrevistada Maria “(... no estrangeiro foi igualmente bem recebido porque já era um nome conhecido em Portugal ...)”. Através das digressões pelo mundo Max representou a sua terra de origem divulgando a cultura da região onde nasceu. A projecção da Ilha da Madeira a nível internacional ficou a dever-se a ao Max – “figura simbólica” do fado e do bailinho da Madeira (hino popular que identifica a população Madeirense), nas palavras da entrevistada Ana “ (... conhecido por todos os emigrantes residentes no estrangeiro teve as portas abertas para qualquer parte do mundo difundindo a cultura da Ilha da Madeira, obtendo um grande sucesso profissional ...)”.

5.3. Categorias Consequentes da Análise de Conteúdo (Resultantes da Grelha “Teórica” de Categorias – Definidas como “Categorias à priori”, ou seja as áreas temáticas das questões do guião – e das categorias obtidas à “posteriori” da análise de conteúdo)

Categorias	Categorias Consequentes da Análise de Conteúdo
Atributos Psicológicos e internos	<p>“Pessoa espectacular”.</p> <p>“Senhor com um carisma bastante elevado”.</p> <p>“Expressões bastante próprias”.</p> <p>“Grande colega”.</p> <p>“Amigo”.</p> <p>“Os seus gestos e a sua maneira de olhar era muito dele”.</p> <p>“Muito comunicativo”.</p> <p>“Era ele próprio”.</p> <p>“Era muito simpático e brincalhão”.</p> <p>“Jeito muito próprio dele”.</p> <p>“Muito Humano”.</p> <p>“Qualidade invulgar de cativar a simpatia do público”.</p> <p>“Popular”.</p> <p>“Sempre alegre”.</p> <p>“Entretinha as pessoas com uma facilidade fantástica”.</p> <p>“Muito simpático”.</p> <p>“Abertura extraordinária”.</p> <p>“Muito popular”.</p> <p>“Simplicidade”.</p> <p>“Pessoa simples”.</p> <p>“Muito valor”</p> <p>“Muito autentico”.</p> <p>“Divertido”.</p> <p>“Encantava toda a gente”</p> <p>“Alma para encantar toda a gente”.</p>

Categorias	Categorias Consequentes da Análise de Conteúdo (Continuação)
Aspectos Psicológicos e Internos	<p>“Fazia tudo muito bem feito”.</p> <p>“Facilidade em transmitir o que sentia”.</p> <p>“Muito Simples”.</p> <p>“Modesto”.</p> <p>“Estilo próprio”.</p> <p>“Vinha a melodia a cabeça e transmitia a música as pessoas”.</p> <p>“Representava o seu eu que carregou da Ilha da Madeira para Lisboa, histórias brancas, histórias sem fantasias, que é verdadeiro, puro da pessoa”.</p>
Atributos Artísticos	<p>“Artista excelente”.</p> <p>“Bom profissional da vida artística”.</p> <p>“Verdadeiro artista”.</p> <p>“Bom artista”.</p> <p>“Grande fadista”.</p> <p>“Artista inconfundível”.</p> <p>“Dotado de Humor”.</p> <p>“Cantava muito bem o fado”.</p> <p>“Actor por excelência”.</p> <p>“Bom cantor, actor e comediante”.</p> <p>“Singular talento para a música, para o canto e para o palco”</p> <p>“Paixão foi sem dúvida a música”.</p> <p>“Excelente comediante”.</p> <p>“Talento de Max”.</p> <p>“As músicas que compôs eram duma lindeza extrema”.</p> <p>“Verdadeiro actor do que fazia”.</p> <p>“Compunha as suas próprias letras, peças de revista”.</p> <p>“Autor da revista”.</p> <p>“Cantor de fados”.</p>

Categorias	Categorias Consequentes da Análise de Conteúdo (Continuação)
<p>Atributos Artísticos</p>	<p>“Verdadeiro artista”.</p> <p>“Figura em Portugal”.</p> <p>“Artista português considerado <i>show man</i>”.</p> <p>“Bom artista de casinos e cabarés”.</p> <p>“Figura representativa da Ilha da Madeira”.</p> <p>“Todas as canções iam dar a Ilha da Madeira, divulgou-a como nenhuma pessoa o fez, nem o Alberto João Jardim conseguiu fazê-lo”.</p>
<p>Relação Interpessoal</p>	<p>“Muito bem recebido tanto pelos colegas de profissão, como pelos amigos, que privaram da sua companhia, como também, pelo público”.</p> <p>“Tinha uma grande amizade com o público”.</p> <p>“Max tinha os portugueses estrangeiros na mão, tendo-os atingido”.</p> <p>“No estrangeiro foi igualmente bem recebido porquê já era um nome conhecido em Portugal”.</p> <p>“Teve uma grande recepção por parte do público e colegas de profissão, todos gostavam dele”.</p> <p>“Havia muita assistência do público para o ouvir cantar e actuar inclusive no estrangeiro”.</p> <p>“Foi bem recebido por toda a gente e todos gostavam dele”.</p> <p>“Recepção do público era muito calorosa”.</p> <p>“O Público adorava o Max, aplaudia-o”.</p>
<p>Projecção de Artista</p>	<p>“Grande sucesso em Lisboa”.</p> <p>“Lançou alguns discos como a Pomba-Branca, Mula da Cooperativa, Casei com uma Velha da ponta de Sol, Bailinho da Madeira e Noites da Madeira, que lhe deram muitos êxitos”.</p> <p>“Grande projecção internacional, mesmo não sabendo cantar em inglês nem em francês”.</p> <p>“Teve as portas abertas para qualquer parte do mundo difundindo a cultura da Ilha da Madeira, obtendo um grande sucesso profissional”.</p>

Categorias	Categorias Consequentes da Análise de Conteúdo (Continuação)
Projeção de Artista	<p>“O modo como projectou o nome da Ilha da Madeira no mundo ficou para a História”.</p> <p>“Artista de projecção nacional”.</p> <p>“Grande sucesso em Lisboa”.</p> <p>“Impacto em Lisboa”.</p> <p>“Difundiou-se para o estrangeiro onde teve muito sucesso”.</p> <p>“Boa projecção não apenas em Portugal, como também, no estrangeiro”.</p> <p>“Impacto bastante grande como cantor e artista de teatro”.</p> <p>“Projeção extraordinária tanto como cantor e actor”.</p> <p>“Conseguiu um lugar importante no plano artístico internacional”.</p> <p>“Excelente sucesso na Europa e no mundo”.</p>

Capítulo 6 - Discussão dos Resultados

A análise dos resultados permitiu dar resposta ao objectivo proposto – analisar a imagem de marca musical da Ilha da Madeira – Max numa história de vida aludindo o tema do fado. Seguidamente serão expostas algumas conclusões e considerações acerca dos resultados.

O nome da marca é uma das fontes mais fortes de identidade – a identidade da marca inclui a nacionalidade do País, os seus valores culturais e as suas qualidades, reflecte portanto, a identidade do País (Aaker, 1991); nesta tese a identidade da marca em causa reflecte a identidade da Ilha da Madeira. Kapfere (1992; citado por Carvalho, 2002) afirma que é a identidade de cada marca que a diferencia das outras. Max é o nome da marca que se tornou num símbolo – representativa da Ilha da Madeira - informa sobre a cultura e a personalidade da marca, espelha a marca que representa (a “alma” da população Madeirense). Max como marca, criou a sua história e o seu percurso artístico através da imagem que simboliza, “representou o seu eu que carregou da Ilha da Madeira”. Aaker (1991) afirma que a marca existe na medida que transmite uma mensagem sobre si ao público. A imagem da marca refere-se ao conjunto de atributos (que o descrevem e o caracterizam) ligados a marca que o público os relaciona e percebe com a marca (Aaker, 1991; Agarwal & Rao, 1996; Mackay, 2001; citado por Azevedo & Farhangmehr, 2003). Assim, constatamos através dos resultados obtidos que a Ilha da Madeira tornou-se conhecida a nível nacional e internacional pela “figura representativa” dessa Ilha – Max, trajado com o traje típico da Ilha da Madeira, sem nunca esquecer o barrete de vilão, levou consigo para Lisboa e para o mundo, toda a “história sem fantasia” do que é “verdadeiro”, “puro” de si e “autentico” inspirado pelas raízes culturais da sua terra de origem, representou o seu “eu” que trouxe dos valores adquiridos aquando criança, conquistando tudo e todos através dos fados e das muitas canções folclóricas e populares que compôs sobre a sua terra de origem, que descrevem e retratam a “alma” da Região que o viu nascer, numa “simplicidade”, “modéstia” “naturalidade” e “humor” características do seu intrínseco e da sua personalidade. Entre muitas das suas canções, o “Bailinho da Madeira”, ficou reconhecido no mundo inteiro como o hino popular que identifica a Ilha da Madeira em todo o lugar. A Ilha da Madeira ocupou um lugar no mundo, construiu a sua reputação e o seu nome no mercado turístico através da credibilidade da sua marca – Max, a custa não apenas do seu “prestígio” e “talento inato” para a música (compositor e cantor de muitas canções que o mundo inteiro conhece e canta e as associa e percebe como pertencentes a Ilha da Madeira – simbólicas desta Ilha) como também, pelas suas muitas actuações em palcos de teatro de revista como actor e comediante – uma “comicidade genial” e “imprevisível” que sempre o acompanhou ao longo da sua vida.

Considerado a nível nacional e internacional, uma “figura representativa da Ilha da Madeira” uma vez que conseguiu divulgar a sua terra de origem como nenhuma pessoa o conseguiu, “nem o Alberto João Jardim conseguiu fazê-lo”. Há marcas que posicionam publicidade, estratégias, personalidade, aparência e com impacto de um País para outro (Aaker & Joachimsthaler, 1999), assim foi o Max que através de si próprio, deu a conhecer a Ilha da Madeira e posicionou-a a nível nacional e internacional como atracção turística pelas suas qualidades culturais e tradicionais - “o modo como projectou o nome da Ilha da Madeira no mundo ficou para a História”.

Capítulo 7 - Conclusão

O fado resultado dum processo histórico, constituindo a identidade das populações, é encarado como um fenómeno social e cultural (Ferreira, 1983), é um cantar, nos momentos de tristeza, pois expressa melhor esses sentimentos de lastima, já que a nossa língua é triste refere Pimentel (1989), e a saudade é uma das palavras mais frequentes na composição do fado e uma das geradoras da inspiração da lírica Portuguesa (Barreto, 1960), mas também nos momentos de alegria (Brito, 1994), é um contar de sentimentos pelo fadista que gosta de partilhar, instruindo a comunicação entre o público ouvinte que sai de casa para ir ouvi-lo estabelecendo uma ligação directa com o mesmo ou em casa através da emissão radiofónica, da televisão e dos registos de sons em suporte material - cassetes, LPs e CDs, sendo estas, a sua marca. Constitui assim, segundo Brito (1994) a sua missão - educativa, instrutiva, colocando-o no mercado para divulgação, sendo apresentado como produto comercial - marca, dando continuidade ao funcionamento dos negócios dos empresários, tanto dos editores de música como de teatro de revista (Tinhorão, 1994). De acordo com Brito (1994) o fado é um processo comunicativo, que utiliza formas expressivas, tanto verbais, como faciais e corporais, como modo de comunicação dos seus significados, envolvendo o próprio fadista – intérprete, cantor e/ou compositor e público. E, como o próprio autor citado refere “ falar de vida, é falar de fado (...)” (p. 96). O fadista entrega-se com toda a sua “alma” e “coração” para cantar o fado e segundo Barreto (1960) o fado é um testemunho da vida. Para o autor acima referido, o fado insere-se num conceito de inamovibilidade do curso da vida – canção de destino, cantar o fado para acalmar as tristezas. Não se reproduziu em campo social fechado, de codificação restrita, pelo contrário, a palavra cantada circulou, pelas tabernas e sociedades culturais e recreativas - locais habituais de circulação das camadas populares referindo a sorte ou o destino de quem a canta e/ou ouve (Brito, 1994). Foi desta forma que o fado estruturou a sociedade e despontou os comportamentos da mesma e veio a ser apresentado como produto comercial (Brito, 1936), sendo um poderoso veículo de divulgação que se transmite facilmente através dos locais acima descritos, da emissão radiofónica (Brito, 1994) e da imprensa (Pimentel, 1989).

O que interessa nesta tese é dar conta exactamente da relação que se estabelece entre o modelo biográfico do fado, verificado através do carácter dinâmico da própria vida e a vida do artista, cantador de fados e entre outros estilos musicais – Max, imagem de marca musical. Essa imagem deveu-se ao seu “prestígio” artístico através dos seus inúmeros sucessos obtidos como compositor, cantor e intérprete de fados e outros estilos musicais e, também como actor nos teatros de revista, tanto a nível nacional, como internacional. Esta figura foi homenageada várias vezes sendo atribuídos prémios mesmo após o seu falecimento e atribuídos a família pelo

reconhecimento do seu trabalho e contribuição dada ao turismo da Ilha da Madeira (Lino, 2000). Max deu à sociedade a imagem que pretendeu – representou a sua terra de origem incorporado na figura de artista com o seu “estilo próprio” (Freitas, 2003). Foi o dom criativo e espírito de artista dentro de Max que o levou a tornar-se uma vedeta “popular” correndo pelo mundo fora, levando a cultura da Ilha da Madeira consigo, sublimando-a. Apesar de já não estar mais presente entre nós, continua a ser uma verdadeira imagem de marca da Ilha da Madeira (símbolo da Região que o viu nascer), todas as canções que compôs e cantou, simbolizam a Ilha da Madeira, tendo sido o responsável pela projecção do nome da Ilha da Madeira no mundo e pela divulgação da sua cultura e tradição. Max reflecte a “alma” da população Madeirense – é o símbolo da Ilha da Madeira (retrata a identidade da Ilha da Madeira), nas palavras de dois dos entrevistados “Max foi para a sua terra o que Amália Rodrigues foi para Portugal” e, “o talento de Max e o modo como projectou o nome da Ilha da Madeira no mundo ficou para a historia, foi de facto uma figura representativa da Ilha da Madeira”. Max - imagem de marca que a nível nacional e internacional simboliza a Ilha da Madeira.

Referências Bibliográficas

- Aguiar, M. (1967). *Biografia. Álbum da Canção*, 54, 1- 32.
- Aaker, D. A. (1991). *Managing Brand Equity*. New York: The Free Press.
- Aaker, D. A., & Joachimsthaler, E. (1999). *The lure of global branding*. *Harvard Business Review*, 77, 137-144.
- Azevedo, A. & Farhangmehr, M. (2003). *O valor da marca “made in” Portugal*. *Revista Portuguesa E Basileira De Gestão*, 2, 57-74.
- Bardin, L. (2008). *Análise De Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, R. (2001). *A cultura do Camaleão: A guitarra Portuguesa e os Limites da Representação*. Dissertação de Mestrado na área de Sociologia. Coimbra: Faculdade de Economia.
- Barreto, M. (1960). *Origens Líricas e Motivação Poética*. Lisboa: Aster.
- Brito, J. P. (1994). *Fado: Vozes E Sombras*. Lisboa: Electa.
- Carita, A., & Simão, J. (2006). *Fados Nossos*. Lisboa: Alêtheia.
- Calisto, L. (1980). *Morreu Max*. *Diário de Notícias – Funchal*, 5, 2-3.
- Carvalho, R. (1994). *As Músicas Do Fado*. Porto: Campo Das Letras.
- Carvalho, P. (1994). *História do Fado* (4ª ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- D’Oliveira, T. (2005). *Teses e Dissertações. Recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos*. Lisboa: Editora RH.
- Freitas, E. (2003). *O Max da Madeira: O mais popular dos cantores*. *Revista Olhar – Jornal da Madeira*, 10, 18.
- Freitas, R., & Fernandes, R. (2006). *Max: “ Da Madeira Para O Mundo”*. *Revista do Diário de Notícias - Madeira*, 3, 28.
- Ferreira, J. M. C. (1983). *Artesanato, Cultura E Desenvolvimento Regional: Um Estudo De Campo E Três Ensaios Breves*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Gouveia, D. (2004). *Max: Biografias do Fado*. Lisboa: Emi, Valentim de Carvalho.
- Guinot, M., Carvalho, R., & Osório, J. M. (1999). *Um Século De Fado: Histórias Do Fado*. Lisboa: Ediclube.
- Enes, J. (1983). *Linguagem e Ser*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa Da Moeda, CTG-crl.
- Lino, L. S. (2000). *Máx, herói do passado: Factos*. *Revista Diário – Funchal*, 3, 10-13.

- Martins, A. C. (2004). *Cultura e espectáculo. Diário de Notícias – Madeira*, 9, 24.
- Moita, L. (1936). *O Fado: Canção De Vencidos*. Lisboa: Oficinas Gráficas da empresa do Anuário Comercial.
- Moniz, J. B. (1965). *Max: espectáculo no Brasil. Antena*, 6, 2- 40.
- Moniz, J. B. (1965). *A vedeta humilde. Antena*, 11, 26 - 27.
- Moniz, J. B. (1965). *Fado, turismo e saudade. Antena*, 16, 2 - 40.
- Mowen, J. C., & Minor, M. S. (2007). *Comportamento Do Consumidor* (6ª ed.). São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Nery, R. V. (2004). *Para Uma História Do Fado*. Lisboa: Público, Comunicação Social e Corda Seca.
- Nunes, A. (1999). *No Rasto De Edmundo De Bettencourt: Uma Voz Para A Modernidade*. Funchal: Secretária Regional do Turismo e Cultura.
- Parreira, A., & Machado, M. J. (1999). *Um Século De Fado: Notas De Música*. Lisboa: Ediclube.
- Pimentel, A. (1989). *A Triste Canção do Sul: Subsídios Para A Historia Do Fado* (Edição Fac-Similada). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Pinto, A. J. (1992). *Música era com ele. Diário de Notícias - Madeira*, 11, 11-12.
- Rodrigues, D. (1956). *Max: o maior propagandista da Madeira. Mare Nostrum*, 12, 1- 67.
- Sardinha, V. & Camacho, R. (2005). *Noites Da Madeira*. Funchal: Empresa do Diário de Notícias - Madeira.
- Sucena, E. (1992). *Lisboa, O Fado E Os Fadistas*. Lisboa: Vega.
- Tinhorão, J. R. (1994). *Fado: Dança Do Brasil, Cantar De Lisboa, O Fim De Um Mito*. Lisboa: Caminho da Música.
- Torres, P. G. M. (2008). *Branding Interno E Contrato Psicológico Numa Empresa De Prestação De Serviços Informáticos*. Dissertação de Mestrado na área de Gestão de Empresas. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do trabalho e da Empresa.

Anexos

Anexo - 1

Categorias	Grelha Teórica de Categorias – “Categorias à priori”
Aspectos Psicológicos e internos do Max	<p>“Foi um grande colega, um amigo e um bom profissional da vida artística”.</p> <p>“Foi uma pessoa espectacular; era um Senhor com um carisma bastante elevado”.</p> <p>“Os seus êxitos deveram-se as suas expressões bastante próprias”.</p> <p>“Os seus gestos e a sua maneira de olhar era muito dele, e a voz com a pronúncia acentuada da Ilha da Madeira, que nunca a perdeu”.</p> <p>“Muito comunicativo; não imitava ninguém nas suas actuações em palco, era ele próprio”.</p>
Vida do Max	<p>“Max veio para Lisboa para a casa de fados – Toca do Carlos Ramos, durante ano e meio, onde se estreou como fadista, cantou fados e outros estilos musicais”.</p> <p>“Sentia-se muito bem em Lisboa, não desejava regressar a Ilha da Madeira, pois tinha cá a sua carreira e convites para actuar em teatros e para viajar ao estrangeiro”.</p> <p>“Não foi por acaso que veio para Lisboa, mas com o intuito de conhecer pessoas e outros conhecimentos e fazer a sua carreira profissional”.</p>
Carreira Profissional do Max	<p>“Um grande artista; iniciou a sua carreira na casa de fados – Toca do Carlos Ramos, como fadista e outros estilos musicais”.</p> <p>“Fui convidado para cantar em revista, tendo um bom êxito como artista; lançou alguns discos como a Pomba-Branca, Mula da Cooperativa, Casei com uma Velha da Ponta de Sol e Bailinho da Madeira, que lhe deram muitos êxitos inclusive no estrangeiro”.</p>
Projeção que o Max teve em Lisboa	<p>“Em Lisboa foi muito bem recebido tanto pelos colegas de profissão, como pelos amigos que privaram também da sua companhia, como também, pelo público”.</p>
Projeção que o Max teve no Estrangeiro	<p>“No estrangeiro foi igualmente bem recebido porque já era um nome conhecido em Portugal”.</p>

Categorias	Grelha Teórica de Categorias – “Categorias à priori”
Aspectos Psicológicos e Internos do Max	<p>“Era muito simpático e brincalhão, um excelente comediante, fazia rir toda a gente com o seu jeito, muito próprio dele, era um artista muito querido e uma pessoa muito Humana, um actor com uma qualidade invulgar de cativar a simpatia do público”.</p> <p>“Popular”.</p>
Vida do Max	<p>“Max veio para Lisboa com o seu estilo próprio fazer a sua carreira profissional”.</p> <p>“A sua grande paixão foi sem dúvida a música”.</p> <p>“O Max foi para a sua terra o que Amália Rodrigues foi para Portugal”.</p>
Carreira Profissional do Max	<p>“Tocou em variadíssimas casas de fado, casinos e cabarés, cantou e actuou em vários palcos de teatro de revista no teatro Éden, parque Mayer, no teatro ABC, no teatro Avenida, no teatro Sá da Bandeira e entre outros, esteve também, na emissora nacional em programas de variedades e em programas de televisão, como o Zip-Zip e fez programas publicitários”.</p>
Projeção que o Max teve em Lisboa	<p>“Teve grande sucesso em Lisboa”.</p>
Projeção que o Max teve no Estrangeiro	<p>“Uma grande projecção internacional, mesmo não sabendo cantar em inglês nem em francês, permaneceu longo tempo no estrangeiro, interpretando as suas músicas sempre em português, tendo muito sucesso”.</p> <p>“Conhecido por todos os emigrantes residentes no estrangeiro teve as portas abertas para qualquer parte do mundo difundindo a cultura da Ilha da Madeira, obtendo um grande sucesso profissional”.</p>

Categorias	Grelha Teórica de Categorias – “Categorias à priori”
Aspectos Psicológicos e Internos do Max	<p>“Foi um Homem que estava sempre alegre, para ele estava tudo certo; Um bom cantor, actor e comediante, um artista excelente”.</p> <p>“Muito simpático para toda a gente, numa abertura extraordinária, um bom artista”.</p> <p>“Muito popular, dotado de humor”.</p> <p>“Max, soube ao longo da sua carreira, prestigiar a terra que nasceu, não só através da sua simplicidade”.</p>
Vida do Max	<p>“Max veio para Lisboa com a orquestra do Tony Amaral, para o Clube Americano, como vocalista e baterista obtendo um sucesso notório”.</p> <p>“O talento de Max e o modo como projectou o nome da Ilha da Madeira no mundo ficou para a história, foi de facto uma figura representativa da Ilha da Madeira”.</p>
Carreira Profissional do Max	<p>“Teve um impacto bastante grande como cantor e artista de teatro, entrou em várias peças onde foi colaborador das mesmas”.</p> <p>“As músicas que compôs eram numa lindeza extrema, vinha a melodia a cabeça e transmitia a música as pessoas, temas como a Pomba Branca, Porto-Santo, Quando Deixei a Madeira, Sinal da Cruz”.</p> <p>“Foi o fado Não Digas Mal Dela, que popularizou a voz de Max e fez com que iniciasse a sua carreira a solo”.</p> <p>“Max, soube ao longo da sua carreira profissional, prestigiar a terra que nasceu, não só através da sua simplicidade como também, pelas canções populares, que descreviam a alma do povo da sua terra”.</p>
Projeção que o Max teve em Lisboa	<p>“Um artista de projeção nacional, que não esqueceu as raízes culturais da sua terra, tendo-as divulgado pelo mundo à fora”</p> <p>“Um artista de projeção nacional”.</p> <p>“Teve um grande sucesso em Lisboa”.</p>
Projeção que o Max teve no Estrangeiro	<p>“Depois de ser conhecido em Portugal, difundiu-se para o estrangeiro onde teve muito sucesso”.</p>

Categorias	Grelha Teórica de Categorias – “Categorias à priori”
Aspectos Psicológicos e internos do Max	<p>“Max era uma pessoa simples”.</p> <p>“Foi um verdadeiro artista, com muito valor, muito autêntico”.</p> <p>“Era muito Humano e divertido, encantava toda a gente, tanto adulto como criança, tinha alma para encantar toda a gente”.</p> <p>“Tinha muita facilidade em transmitir o que sentia”.</p>
Vida do Max	<p>“Cresceu com as partes da vida que ele viveu no estrangeiro (dramática e felizes) aprendeu as lições da vida e transmitiu-as”.</p>
Carreira do Profissional do Max	<p>“Teve uma projecção extraordinária tanto como cantor, como actor”.</p> <p>“Foi um verdadeiro actor do que fazia, compunha as suas próprias letras, peças da revista e era o autor da revista, entrava na parceria de co-autor, porque tinha muita coisa escrita e tinha muito valor, participava na fabrica do espectáculo”.</p> <p>“Cantava bem e representava o que cantava”.</p>
Projecção que teve em Lisboa	<p>“Max teve uma boa projecção não apenas em Portugal”.</p>
Projecção que Max teve no Estrangeiro	<p>“Max teve uma boa projecção não apenas em Portugal, como também, no estrangeiro”.</p> <p>“Max tinha os portugueses emigrantes no estrangeiro na mão, tendo-os atingido”.</p>

Categorias	Grelha Teórica de Categorias – “Categorias à priori”
Aspectos Psicológicos e internos do Max	<p>“Achava-o muito divertido, modesto, Humano e muito simples”.</p> <p>“Max cantava muito bem o fado dentro da voz que tinha era um actor por excelência”.</p> <p>“Um singular talento para a música, para o canto e para o palco, jamais o seu estilo foi inimitável”.</p>
Vida do Max	<p>“Era alfaiate e cantor de fados na Madeira”.</p> <p>“Veio para Lisboa fazer carreira profissional, teve grandes êxitos com a canção-fado Pomba Branca; Bailinho da Madeira e a canção humorística Mula da Cooperativa”.</p> <p>“Foi uma figura em Portugal que não recebeu o justo valor contrariamente no estrangeiro, em especial na América”.</p> <p>“Morreu muito cedo, devia ter vivido muito mais, foi uma perda para a música em Lisboa e internacionalmente”.</p>
Carreira Profissional do Max	<p>“Para além das muitas actuações ao vivo, teve participação em programas de televisão, como o Zip-Zip”.</p> <p>“Para além da sua carreira musical, participou em várias peças de teatro de revista, como: Saias Curtas; Cala o bico, Fonte Luminosa; Aqui é Portugal. Pena que nasceu em Portugal, se fosse no estrangeiro era o <i>show man</i>”</p> <p>“Na América foi o primeiro artista português considerado <i>show man</i>, bom artista de casinos e cabarés”</p>
Projeção que o Max teve em Lisboa	<p>“Conquistado o público português”.</p>
Projeção que o Max teve no estrangeiro	<p>“Conquistado o público português, Max conseguiu um lugar importante no plano artístico internacional, obtendo um excelente sucesso na Europa e no mundo”.</p>

Anexo - 2

Entrevista da Maria

E.: Vou fazer-lhe a primeira pergunta – Como considera o Max como pessoa e artista?

Maria: “Max foi um grande fadista, cantou fados - fado triste para entrar na alma de quem ouve e sente, também tinha alguns fados acompanhados com guitarra e viola; cantou fado - canção, que transmite fado com outro estilo musical como a Pomba – Branca e outros. Foi um grande colega, um amigo e um bom profissional da vida artística. Fazia o que queria da sua vida tanto no fado, como no fado canção e folclore. Foi uma pessoa espectacular que foi bem recebido por toda a gente e todos gostavam dele, era um Senhor com um carisma bastante elevado e um grande artista. Muito comunicativo, que é muito importante para a carreira dum cantor, actor e comediante, enfim dum artista inconfundível, não imitava ninguém nas suas actuações em palco, era ele próprio”.

E.: Na sua opinião quais os momentos que foram relevantes na vida do artista Max?

Maria: “Max veio para Lisboa para a casa de fados – Toca do Carlos Ramos, durante ano e meio, onde se estreou como fadista, cantou fados e outros estilos musicais e iniciou a sua carreira nessa casa de fados, como fadista e outros estilos musicais. Depois de cantar na Toca de Carlos Ramos, fui convidado para cantar em revista, tendo um bom êxito como artista”.

E.: Considera que a carreira profissional do Max foi produtiva e brilhante?

Maria: “Sim, sem dúvida alguma. Lançou alguns discos como a Pomba – Branca, Mula da Cooperativa, Casei com uma Velha da Ponta de Sol, Bailinho da Madeira e Noites da Madeira, que lhe deram muitos êxitos inclusive no estrangeiro. Os seus êxitos deveram-se as suas expressões bastante próprias, os seus gestos e a sua maneira de olhar era muito dele”.

E.: Como avalia o impacto e projecção que o Max teve em Lisboa e a nível internacional?

Maria: “Em Lisboa foi muito bem recebido tanto pelos colegas de profissão, como pelos amigos que privaram também da sua companhia, como também, pelo público e tinha uma grande amizade com o público; no estrangeiro foi igualmente bem recebido porque já era um nome conhecido em Portugal. Havia muita assistência do público para o ouvir cantar inclusive no estrangeiro. Sentia-se muito bem em Lisboa, não desejava regressar a Ilha da Madeira, pois tinha cá a sua carreira e convites para actuar em teatros e para viajar ao estrangeiro. Não foi por acaso que veio para Lisboa, mas com o intuito de conhecer outras pessoas e outros conhecimentos e fazer a sua carreira profissional”.

Entrevista da Ana

E.: Vou fazer-lhe a primeira pergunta – Como considera o Max como pessoa e artista?

Ana: “Era muito simpático e brincalhão, um excelente comediante, fazia rir toda a gente com o seu jeito, muito próprio dele, era um artista muito querido e uma pessoa muito Humana, um actor com uma qualidade invulgar de cativar a simpatia do público”.

E.: Na sua opinião quais os momentos que foram relevantes na vida do artista Max?

Ana: “Quando veio para Lisboa com o seu estilo próprio fazer a sua carreira profissional. Cantou em variadíssimas casas de fado, casinos e cabarés, também cantou e actuou em vários palcos de teatro de revista no parque Mayer, no teatro ABC, no teatro Avenida, no teatro Sá da Bandeira e entre outros, esteve também, na emissora nacional em programas de variedades e em programas de televisão, como o Zip-Zip e fez programas publicitários”.

E.: Considera que a carreira profissional do Max foi produtiva e brilhante?

Ana: “A sua grande paixão foi sem dúvida a música, penso que foi esta paixão que o levou a ter a carreira de êxito que teve”.

E.: Como avalia o impacto e projecção que o Max teve em Lisboa e a nível internacional?

Ana: “Max teve uma grande recepção por parte do público e colegas de profissão, todos gostavam dele. O uso frequente do traje típico da Ilha da Madeira fez do Max um símbolo, mesmo de *Smoking* nunca dispensava o seu famoso barrete de vilão. Eu acredito que, a graça e o humor foram as responsáveis pelos seus sucessos. Teve grande sucesso em Lisboa e uma grande projecção internacional, mesmo não sabendo cantar em inglês nem em francês, permaneceu longo tempo no estrangeiro, interpretando as suas músicas sempre em português, apesar da pronúncia acentuada da sua terra. Popular e conhecido por todos os imigrantes residentes no estrangeiro teve as portas abertas para qualquer parte do mundo difundindo a cultura da Ilha da Madeira, obtendo um grande sucesso profissional. Na minha opinião, o Max foi para a sua terra o que Amália Rodrigues foi para Portugal”.

Entrevista do Luís

E.: Vou fazer-lhe a primeira pergunta – Como considera o Max como pessoa e artista?

Luís: “Max foi um Homem que estava sempre alegre, para ele estava tudo certo, entretinha as pessoas com uma facilidade fantástica, foi um bom cantor, actor e comediante, um artista excelente. Muito simpático para toda a gente, duma abertura extraordinária, a recepção do público era muito calorosa, pois era na verdade um bom artista”.

E.: Na sua opinião quais os momentos que foram relevantes na vida do artista Max?

Luís: ”Quando Max veio para Lisboa com a orquestra do Tony Amaral, para o Clube Americano, como vocalista e baterista obtendo um sucesso notório”.

E.: Considera que a carreira profissional do Max foi produtiva e brilhante?

Luís: ”Sim, bastante, as músicas que compôs eram duma lindeza extrema, vinha a melodia a cabeça e transmitia a música as pessoas, temas como a Pomba Branca, Porto-Santo, Quando Deixei a Madeira, Sinal da Cruz. Foi o fado Não Digas Mal Dela, que popularizou a voz de Max e fez com que iniciasse a sua carreira a solo. Max, soube ao longo da sua carreira, prestigiar a terra que nasceu, não só através da sua simplicidade como também, pelas canções populares, que descreviam a alma do povo da sua terra. Max foi um Homem que fez muito pela sua terra e foi várias vezes, após o seu falecimento, premiado pelo reconhecimento do seu trabalho”.

E.: Como avalia o impacto e projecção que o Max teve em Lisboa e a nível internacional?

Luís: “Teve um impacto bastante grande como cantor e artista de teatro, entrou em várias peças onde foi colaborador das mesmas. Max foi muito popular, dotado de humor, um artista de projecção nacional, que não esqueceu as raízes culturais da sua terra, tendo-as divulgado pelo mundo à fora. O talento de Max e o modo como projectou o nome da Ilha da Madeira no mundo ficou para a história, foi de facto uma figura representativa da Ilha da Madeira. Teve um grande impacto em Lisboa e depois de ser conhecido difundiu-se para o estrangeiro onde teve muito sucesso”.

Entrevista da Raquel

E.: Vou fazer-lhe a primeira pergunta – Como considera o Max como pessoa e artista?

Raquel: “Trabalhei com o Max como bailarina no teatro Maria Vitoria e ele era uma pessoa simples, mas tinha cultura própria, procurava as suas próprias raízes. Todas as canções iam dar a Ilha da Madeira, divulgou a sua terra como nenhuma pessoa o fez, nem o Alberto João Jardim conseguiu fazê-lo. A sua infância acompanhou o Max até ele morrer, pelas recordações que tinha desde então, eram essas recordações que inspiravam o Max nas suas composições. Cantava o fado integrando a cultura dele em toda a cultura portuguesa. Max foi um verdadeiro artista, com muito valor, muito autêntico, não tinha fantasia, ele ia buscar as suas brincadeiras, aquando criança, representava o seu eu que carregou da Ilha da Madeira para Lisboa, histórias brancas, histórias sem fantasia, que é verdadeiro, bonito, puro da pessoa e isto era muito lindo. O público adorava o Max, aplaudia-o e divertia-se só com a presença dele, era muito Humano e divertido, encantava toda a gente, tanto adulto como criança, tinha alma para encantar toda a gente. Fazia tudo muito bem feito, cantava bem e representava o que cantava”.

E.: Na sua opinião quais os momentos que foram relevantes na vida do artista Max?

Raquel: “Quando veio para Lisboa fazer a sua carreira profissional e quando foi nas suas muitas digressões para o estrangeiro”.

E.: Considera que a carreira profissional do Max foi produtiva e brilhante?

Raquel: “Sim, sem dúvida. Max compunha as suas próprias letras, peças do teatro de revista e era o autor da revista, entrava na parceria de co-autor, porque tinha muita coisa escrita e tinha muito valor, participava na fábrica do espectáculo”.

E.: Como avalia o impacto e projecção que o Max teve em Lisboa e a nível internacional?

Raquel: “Max teve uma boa projecção não apenas em Portugal, como também, no estrangeiro, tendo trazido a sua parte de imigrante para Portugal, cresceu com as partes da vida que ele viveu no estrangeiro (dramática e felizes) aprendeu as lições da vida e transmitiu-as, tinha muita facilidade em transmitir o que sentia. No estrangeiro o emigrante tem muito sentido do que é nosso, Max tinha os portugueses emigrantes no estrangeiro na mão, tendo-os atingido. Teve uma projecção extraordinária tanto como cantor, como actor, foi um verdadeiro autor do que fazia”.

Entrevista do Carlos

E.: Vou fazer-lhe a primeira pergunta – Como considera o Max como pessoa e artista?

Carlos: “Trabalhei com o Max em cabarés e casinos, fui muito amigo dele e achava-o muito divertido, modesto, Humano e muito simples”.

E.: Na sua opinião quais os momentos que foram relevantes na vida do artista Max?

Carlos: “Era alfaiate e cantor de fados na Madeira, veio para Lisboa fazer carreira profissional, teve grandes êxitos com a canção-fado Pomba Branca, Bailinho da Madeira e a canção humorística Mula da Cooperativa. Para além das muitas actuações ao vivo, teve participação em programas de televisão, como o Zip-Zip. Para além da sua carreira musical, participou em várias peças de teatro de revista, como: Saias Curtas; Cala o bico, Fonte Luminosa; Aqui é Portugal”.

E.: Considera que a carreira profissional do Max foi produtiva e brilhante?

Carlos: “Pena que nasceu em Portugal, se fosse no estrangeiro era o *show man*. Na América foi o primeiro artista português considerado *show man*, bom artista de casinos e cabarés. Max cantava muito bem o fado dentro da voz que tinha era um actor por excelência. Um singular talento para a música, para o canto e para o palco, jamais o seu estilo foi inimitável”.

E.: Como avalia o impacto e projecção que o Max teve em Lisboa e a nível internacional?

Carlos: “Conquistado o público português Max conseguiu um lugar importante no plano artístico internacional, obtendo um excelente sucesso na Europa e no mundo. Foi uma figura em Portugal que não recebeu o justo valor contrariamente no estrangeiro, em especial na América. Morreu muito cedo, devia ter vivido muito mais, foi uma perda para a música em Lisboa e Internacionalmente”.